

E como não se orgulhar dessa nordestina arretada? Além de produzir grande parte dos alimentos que consome, essa mulher de 46 anos também é apiculadora, a única da Associação de Apicultores do Sertão Central (AASC), do estado de Pernambuco. A paixão pela criação de abelhas começou no dia 27 de fevereiro de 2013, quando foi convidada para fazer parte de um Seminário sobre Apicultura, promovido pelo Centro de Educação Comunitária Rural (Cecor), em Serra Talhada. “Aceitei o convite mesmo sem saber o que danado era seminário. Na minha cabeça, seminário era de padre. Só que como sempre fui ousada e acreditei nesses momentos de formação como meio de transformação e aprendizado, fui. Lá eu conheci vários apicultores e adorei a ideia de cuidar de abelhas. Uma paixão que me faz colher mel puro da florada da nossa Caatinga.



E são tantas qualidades em uma única pessoa que para finalizar nossa visita constatamos que na cozinha ela também manda ver. Terminamos nosso diálogo comendo uma deliciosa galinha de capoeira, preparada por ela. Complementando, durante esses anos, Maria Silvolúcia se tornou membro da Rede de Feiras Agroecológicas de Pernambuco, do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Pajeú; sócia da Cooperativa de Crédito Rural Triunfo e Flores; do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Triunfo, da AASC, do Cecor e por último, compôs o Comitê de Mulheres do Pajeú.

Realização



Apoio



O Candeeiro

Ano 9 · nº 2138
Abril/2016

Serra Talhada



Boletim Informativo do Programa Uma Terra e Duas Águas

Pernambuco

No sertão do Pajeú Maria Silvolúcia mostra que mulher é fortaleza e não sexo frágil



Quanto mais a gente anda nas comunidades rurais do Sertão pernambucano, mas a gente comprova a bravura da mulher nordestina. Nós vamos conhecer o exemplo de uma agricultora que mora numa comunidade rural chamada Quetimporta, município de Triunfo. E o que te importa conhecer a vida dessa guerreira que acorda todos os dias às 4h da manhã para trabalhar na área de produção? É importante conhecer as lutas e conquistas das nossas Marias do Semiárido.

Filha de Antônio Mendes de Lucena e Generosa Augusta de Lucena, Maria Silvolúcia Mendes, tem 3 irmãos e 4 irmãs, mas ela abraçou a agroecologia como sua grande companheira. Vendo os pais produzirem sem nenhum agrotóxico, Silvolúcia lembra que começou a trabalhar nas terras muito cedo. “Desde pequena ajudava meus pais na roça e de lá prá cá nunca parei de multiplicar práticas agroecológicas”, falou.

Já maior de idade, a moça acreditava na agricultura familiar como fonte de sustentabilidade e saúde. Em parceria, com dois dos irmãos, ela produzia os alimentos e comercializava na Feira Convencional de Flores, mas em 2007, ela começou a produzir sozinha na comunidade Quetimorta. Foi lá que ela construiu uma casa e garante o sustento.

Ao ser questionada sobre esse casamento com a agroecologia, Silvolúcia disse que é como todo casamento, a convivência precisa ser resistente, paciente e ter muito amor. “As pessoas nos chamam de loucos porque demora um certo tempo para colher os alimentos que não levam agrotóxicos. Já teve gente que riu da minha cara porque acredito nessa prática. Ouço e tento mostrar que quando nos amamos de verdade, no mínimo, a gente se alimenta bem, sem venenos”.

Silvolúcia disse ainda que as pessoas se preocupam muito com o hoje e esquecem que não há solo que resista aos maus-tratos dos humanos. Ela diz que não tem ambição de enriquecer maltratando o meio ambiente. “É preciso entender que o solo precisa ser bem cuidado porque senão amanhã não tem como colher nenhum fruto. Sem veneno a colheita demora um pouquinho, mas não tenho pressa para enriquecer. Da forma que trabalho, compro minhas roupas, calçados e não devo a ninguém, até porque dá vida não leva nada”, riu Silvolúcia.



Risonha, Silvolúcia produz sozinha na propriedade mais de 20 espécies de hortaliças, 15 de frutíferas e umas plantas nativas. Esses alimentos são comercializados todos os sábados, na Feira Agroecológica de Serra Talhada (FAST), coletivo de feirantes que a mesma coordena desde 2015. Ao nos mostrar à área, ela relata que o machismo, às vezes, impede que as mulheres, principalmente da zona rural, tenham autonomia. “Luto diariamente por minha liberdade. A mulher tendo um azulão (carro), um galego dos olhos azuis (gato), um cavalo e um jumento, nada impede dela ser feliz sozinha”, afirmou à agricultora.

